

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ALEXANDRINA TERESA MARTINS FARIA VELOCI

**DESAFIOS DO PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA
AO ENSINAR ALUNOS DE TERCEIRA IDADE**

**SÃO PAULO
2018**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ALEXANDRINA TERESA MARTINS FARIA VELOCI

**DESAFIOS DO PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA
AO ENSINAR ALUNOS DE TERCEIRA IDADE**

Monografia apresentada, como exigência parcial de avaliação, ao Curso de Especialização, Lato Sensu, **Formação Docente: Ensino Superior**, da Faculdade de Educação, Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Celina Teixeira Vieira

**SÃO PAULO
2018**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADORA:

Prof.^a Dr.^a Maria Celina Teixeira Vieira

EXAMINADOR:

Prof.^a Dr.^a

EXAMINADOR:

Prof.^a Dr.^a

AGRADECIMENTOS

A Deus, uma luz sempre presente em minha vida.

Ao meu querido esposo Ricardo, por sempre me apoiar e incentivar a realizar todos os meus sonhos.

Aos meus amados filhos, Renan e Rafaela, por vibrarem pelas minhas escolhas.

À querida Prof.^a Dr.^a Maria Celina, pela paciência na orientação e pelo seu afeto, que a diferencia como professora.

Aos meus professores da PUC, que tanto contribuíram para o meu crescimento, eternas fontes de inspiração.

Aos meus colegas de sala da PUC, cujo conhecimento adquirimos juntos em aulas prazerosas nas manhãs de sábado.

Finalmente agradeço aos meus pais, meus eternos professores.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida: minha família. Meus pais, Antonio e Carmen, meu esposo, Ricardo, e nossos dois filhos – Renan e Rafaela. Amo todos vocês, mais do que consigo colocar em palavras.

EPÍGRAFE

“...Cada um de nós é o artista ou o arquiteto de sua própria vida.
Podemos copiar outras pessoas, podemos viver para essas
pessoas, ou podemos descobrir aquilo que é único e precioso
para nós, e pintar isso, tornar-se isso. É uma tarefa que dura a
vida inteira.”

Carl Rogers

RESUMO

FARIA VELOCI, Alexandrina Teresa Martins . **Desafios do professor de língua estrangeira ao ensinar alunos de terceira idade.** ____F. Monografia apresentada, **como exigência parcial de avaliação**, ao Curso de Especialização, Lato Sensu **Formação Docente: Ensino Superior**, da Faculdade de Educação, Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. 2018

Por meio de pesquisa bibliográfica e documental procurou-se analisar os desafios do professor de língua estrangeira (inglês) ao ensinar alunos de terceira idade. De forma mais específica: conhecer as características e necessidades da terceira idade ao aprender uma língua estrangeira; esclarecer o papel do docente ao planejar e ministrar aulas de inglês para a terceira idade e sugerir metodologias que facilitem e estimulem a aprendizagem na terceira idade.

Nesta pesquisa, conhecemos o propósito de vida, o comportamento e o universo de interesse destes adultos. E esclarecemos que deve haver uma preparação prévia para os professores habilitados em lidar com as questões múltiplas que envolvem a aprendizagem de uma língua estrangeira na terceira idade. Sugerimos, então, a atualização das metodologias e tecnologias utilizadas nas aulas de língua estrangeira, em busca de melhores práticas que vão além do grammar-translation method.

Desta forma, entendemos que quando o docente conhecer as características dos alunos de terceira idade e estiver fundamentado teoricamente, haverá uma integração final entre os significados implícitos ao aprender uma língua estrangeira e o propósito de vida dos mesmos.

PALAVRAS – CHAVES: terceira idade, desafios, inglês, metodologia, professor preparado, aprendizagem

ABSTRACT

FARIA VELOCI, Alexandrina Teresa Martins. **Challenges of the foreign language teacher in teaching seniors.** ____F. Lato Sensu Teacher Training: Higher Education, Faculty of Education, General Coordination of Specialization, Improvement and Extension - COGEAE, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC / SP. 2018

By means of bibliographical and documentary research, it was tried to analyze the foreign language (English) teacher's challenges, when teaching students of old age. More specifically: to know the characteristics and needs of the elderly when learning a foreign language; to clarify the role of the teacher in planning and delivering English classes for the elderly, and to suggest methodologies that facilitate and stimulate learning in the elderly.

In this research, we realize the purpose of life, behavior and the universe of interest of these adults. And we clarify that there must be prior preparation for qualified teachers in dealing with the multiple issues involving learning a foreign language in senior citizenship. We suggest, therefore, the updating of the methodologies and technologies used in the foreign language classes, in search of better practices that go beyond the grammar-translation method.

This way, we understand that when the teacher knows the characteristics of the seniors and is theoretically grounded, there will be a final integration between the implicit meanings when learning a foreign language and the purpose of their life.

KEYWORDS: seniors, challenges, English language, methodology, learning, prepared teacher

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – MOTIVAÇÃO, SOCIABILIZAÇÃO E ATITUDE POSITIVA? APRENDA UM NOVO IDIOMA!	13
1.1 Terceira idade, maturidade ou velhice?	13
1.2 Estatuto do idoso	13
1.3 Por que aprender uma língua estrangeira?	14
1.3.1 Experiência de vida	16
1.3.2 Motivação	16
1.3.3 Socialização	16
1.3.4 Atitude	17
1.4 O fator idade na aprendizagem de línguas	17
1.5 Características do adulto da terceira idade na sala de aula de língua estrangeira	18
CAPÍTULO 2 – DESAFIO OU CONSCIÊNCIA? O QUE TODO PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DEVERIA SABER	20
2.1 Competências e saberes	20
2.2 Desafio ou consciência?	21
2.3 Os princípios de aprendizagem do adulto	23
2.3.1 O autoconceito do aluno	23
2.3.2 A experiência do aluno	23
2.3.3 Prontidão para aprender	24
2.3.4 Perspectiva de tempo e orientação para o aprendizado	24

CAPÍTULO 3 – LECIONAR PARA ADULTOS MAIS VELHOS: UMA EXPERIÊNCIA PRAZEROSA	25
3.1 Facilitando e estimulando a aprendizagem na terceira idade	25
3.1.1 Tire proveito da experiência de vida deles	25
3.1.2 Aprenda a lidar com o jeito de ser dos alunos da terceira idade	26
3.1.3 Ajude os alunos a ouvirem	26
3.1.4 Ajude os alunos a enxergarem melhor	27
3.1.5 Ajude os alunos a exercitarem a memória	27
3.1.6 Promova a autoconfiança e reduza o estresse	27
3.1.7 Enfatize os aspectos positivos	28
3.1.8 Reconheça os desafios dessa faixa etária	29
3.1.9 Mobilidade	29
3.1.10 Não subestime a importância da tradução	29
3.2 A tecnologia e a aprendizagem de uma língua estrangeira	29
3.2.1 A tecnologia alcança patamares inimagináveis	30
3.2.2 Os aplicativos são eficientes para a terceira idade?	31
3.3 As metodologias	32
3.3.1 Grammar Translation Method	33
3.3.2 The Direct Method	33
3.3.3 Audio Lingual Method	33
3.3.4 Suggestopedia	33
3.3.5 Total Physical Response (TPR)	34
3.3.6 Silent Way	34
3.3.7 Communicative Language Learning (CLL)	34
3.3.8 Communicative Language Teaching (CLT)	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

A transformação do inglês em língua de comunicação com abrangência global tem levado cada vez mais pessoas a se interessarem pelo seu aprendizado. Nesta pesquisa, encorajamos os professores de língua estrangeira, neste caso, o idioma inglês, a buscarem melhores práticas e reflexões críticas para que possam entender um público cada vez mais latente em nosso país: a terceira idade. Por isso, é fundamental analisar os desafios do professor de língua estrangeira (inglês) ao ensinar estes alunos.

O interesse por esta pesquisa surgiu em uma das minhas aulas de inglês para um aluno de terceira idade, cujos questionamentos considero relevantes: “Eu não consigo aprender inglês”, “Com esta metodologia não consigo evoluir”, “Quero entender os programas de TV (CNN) em inglês”, “Preciso melhorar a minha conversação”. Confesso que esses questionamentos geraram certo desconforto em minha vida profissional, pois por dar aulas de inglês há alguns anos, achei que já tinha atingido um grau de confiança suficiente para lecionar para todas as idades. Desta forma, senti-me desafiada e comecei a pensar no que eu poderia fazer para melhorar as minhas aulas, além de manter meu aluno motivado a continuar estudando o idioma inglês, de forma que ele percebesse o progresso em sua aprendizagem.

Antes de tudo, precisamos entender o conceito da terceira idade no Brasil e desconstruir o mito do envelhecimento em nossa cultura. Iniciamos pelo Estatuto do Idoso, mais especificamente no capítulo V, o qual reforça que este tem direito à educação e à cultura, com o intuito de favorecer sua integração à sociedade e à vida moderna. Daí, partimos para entender o propósito de vida, o comportamento e o universo de interesse destes adultos. Entre os vários interesses, aprender uma nova língua é um desejo comum. E por que aprender uma língua estrangeira? Segundo Pizzolatto (1995), os motivos pelos quais os alunos mais se interessam em aprender inglês são: intenção de usar o idioma em viagens ao exterior; apreço pelo idioma; preenchimento do tempo livre; autodesafio; expansão dos conhecimentos gerais; manutenção da saúde. Portanto, é necessário um planejamento estratégico de envelhecimento ativo e propiciador do cuidado de si, com reconhecimento nos princípios de independência, participação, dignidade e autorrealização.

Neste contexto, o mercado de trabalho se expande para os professores de inglês, o que provoca a necessidade de se repensar os procedimentos metodológicos adotados,

considerando os novos contextos de aprendizagem. Porém, o papel do professor de língua estrangeira (LE) vai muito além de saber a cerca das metodologias e orientar a aprendizagem dos alunos da terceira idade. Desta forma, iniciamos a pesquisa a cerca dos conceitos de competências e saberes do professor. Na sequência são abordados alguns desafios inerentes a esse trabalho, já questionando se se trata realmente de um desafio ou se é uma questão de consciência. Portanto, é necessária uma preparação prévia para os professores habilitados em lidar com as questões múltiplas que envolvem a aprendizagem de uma língua estrangeira na terceira idade.

O ensino de inglês para adultos da terceira idade tem muitos aspectos a serem explorados na prática, inclusive a definição de procedimentos metodológicos mais adequados. Portanto, é importante pesquisar os referenciais teóricos para discutirmos essa prática. Consideramos relevante, então, que o professor de língua estrangeira conheça as metodologias existentes e extraia o melhor de cada uma delas para compor o seu planejamento ao lecionar para os alunos de terceira idade. Por isso é fundamental que haja um estudo a respeito da atualização das metodologias e tecnologias utilizadas nas aulas de língua estrangeira, em busca de melhores práticas que vão além do grammar-translation method.

Enfim, como professores, queremos fazer a diferença na vida de nossos alunos. Concluimos, então, que quando o docente conhecer as características dos alunos de terceira idade e estiver fundamentado teoricamente, haverá uma integração final entre os significados implícitos ao aprender uma língua estrangeira e o propósito de vida dos mesmos. Este é o objeto da nossa pesquisa.

CAPÍTULO 1

MOTIVAÇÃO, SOCIABILIZAÇÃO E ATITUDE POSITIVA? APRENDA UM NOVO IDIOMA!

Envelhecer é uma decorrência da vida. Assim, envelhecemos do mesmo modo que vivemos. Os idosos saudáveis são menos ansiosos, mais organizados, mais disponíveis afetivamente e fazem de suas experiências de vida um recurso eficiente para lidar com o imprevisto. Isto requer um estado emocional positivo e balanceado, o que facilita todo e qualquer tipo de aprendizagem.

Na maturidade (ou velhice), o futuro pode reservar muitas alegrias e surpresas, bem como dores e tristezas. Tudo depende de como foram vividas as fases anteriores e de como são encarados os fatos novos. Aquilo que foi semeado ao longo da vida, certamente brotará com muita força nessa etapa da vida. Neste sentido, pretendemos conhecer as características e necessidades da terceira idade ao aprender uma língua estrangeira.

1.1 Terceira idade, maturidade ou velhice?

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maturidade, ou velhice é definida como a fase da vida que vai dos 65 aos 74 (“velhos jovens”). A faixa dos “velhos velhos” inicia a partir dos 75 anos.

A terceira idade é a fase entre a aposentadoria e o envelhecimento, e que traz consigo as demandas de cuidado com a saúde de uma forma mais ampla, já pensando em um envelhecimento com mais qualidade de vida. São denominados “velhos jovens” os aposentados dinâmicos que se inserem em atividades sociais, culturais e esportivas.

Portanto, nesta pesquisa, utilizaremos o termo terceira idade para nos referirmos aos adultos que tem entre 65 e 74 anos.

Torna-se importante, também, conhecer a legislação brasileira a respeito dos direitos dos “idosos”, termo este utilizado pelo Estatuto do Idoso.

1.2 Estatuto do idoso

O objeto do nosso estudo é o idoso que tem um envelhecimento ativo e propiciador do cuidado de si, com reconhecimento nos princípios da independência, participação,

dignidade e autorrealização. Desta forma, o planejamento estratégico de envelhecer deixa de ter um enfoque baseado nas necessidades biológicas e passa a ter um enfoque baseado nos direitos, o que permite um reconhecimento dos direitos dos mais velhos à igualdade de oportunidades à medida que envelhecem.

Para tanto, os comentários de Maria Garcia (2016) ao Estatuto do Idoso, no que tange alguns artigos do capítulo V, estabelecem importante contribuição a nossa pesquisa.

Capítulo V

DA EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTE E LAZER

Art.20. O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

§ 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna. (BRASIL, 2003)

A palavra educação vem do latim ducare: conduzir, orientar (para o desenvolvimento humano). O desenvolvimento do ser humano não cessa enquanto o indivíduo voltar-se para as possibilidades sem fim do acesso ao conhecimento.

Assim, educar é levar o sujeito a auto realizar-se, autoconstruir-se e atualizar-se, isto é, transformar em ato o que se encontra disponível no indivíduo.

Portanto, a aprendizagem de uma língua estrangeira nunca tem fim; ela é contínua, porque se trata de aprendizagem de cultura, de crescimento pessoal e constante aprimoramento.

1.3 Por que aprender uma língua estrangeira?

Aprender uma nova língua é uma experiência desafiadora para o intelecto, pois provoca uma reação em cadeia no cérebro, o qual se vê intimado a criar combinações para decifrar e armazenar palavras até então desconhecidas. A capacidade do intelecto de trocar informações consigo mesmo, gerada pelo desafio diante da novidade, propicia o aumento das conexões cerebrais.

Nesse sentido, entende-se que o estudo de uma LE pode significar produção de novas conexões e sinapses, já que ativa áreas cerebrais variadas e diferentes, desde a área visual até a área das emoções, ampliando suas ramificações pelo estímulo à atividade cerebral. Assim, o aprendizado de uma língua estrangeira proporciona a descoberta de novas habilidades e capacidades.



As células nervosas (neurônios) são verdadeiras maravilhas da natureza graças à sua capacidade de criar nossa percepção da realidade. Os neurônios se conectam uns aos outros, formando vastas e intrincadas redes neurais. Nosso cérebro contém mais de 100 bilhões de neurônios e até 1 quatrilhão de conexões, chamadas “sinapses”.

A aprendizagem de uma língua estrangeira também traz benefícios como autonomia, satisfação, convivência e ampliação de novos horizontes. Segundo Pizzolatto (1995), os motivos pelos quais os alunos mais se interessam em aprender inglês são: intenção de usar o idioma em viagens ao exterior; apreço pelo idioma; preenchimento do tempo livre; autodesafio; expansão dos conhecimentos gerais; manutenção da saúde. Com o passar do tempo as aulas geram nos alunos uma espécie de efeito terapêutico, de caráter socializador.

Neste caso, o ensino da língua inglesa para os alunos da terceira idade deve se pautar mais pelo conceito de competência comunicativa, construída gradativamente, respeitando os seus interesses, suas necessidades e potencialidades.

Silva (2004), também desenvolveu um trabalho sobre a terceira idade aprendendo uma LE. Em sua pesquisa, ele afirma que: 1) a interação social serviu como motivação da procura da sala de aula para a terceira idade; 2) a conversação em sala de aula ajuda os alunos a adquirir a LE, desenvolve a habilidade para trabalhar com alguma situação imprevista, e contém elementos que poderiam ser aproveitados para a composição de um

plano de aula apropriado para a faixa etária; 3) o compartilhamento de experiências e conhecimento proporcionou a solicitação por insumos não contemplados no plano de aula e pôde-se constituir em estímulo para a aprendizagem de LE com vocabulário adicional e estrutura linguística apropriada para o aluno se expressar na língua alvo; e 4) os participantes eram conscientes de suas limitações e o exercício mental proporcionado pela atividade intelectual é considerado benéfico para a saúde do idoso.

Portanto, estudar, para os alunos mais velhos, traz muitos benefícios, como autoconfiança, melhora da saúde e do bem-estar, redução do sentimento de isolamento e maior engajamento na comunidade.

Segundo Kieran Donaghy (2016), muitos idosos têm vontade de aprender uma língua estrangeira e atualmente é muito possível esse aprendizado de maneira eficaz. Vários fatores contribuem para que os adultos da terceira idade sejam ótimos alunos.

1.3.1 Experiência de vida

Os alunos da terceira idade possuem experiência de vida, e quando a trazem para a sala de aula, enriquecem a aprendizagem de todos os demais alunos. Os alunos mais velhos são excelentes alunos, pois estão sempre felizes em falar sobre suas experiências e opinar sobre diferentes assuntos. Além disso, possuem estratégias de aprendizagem bem sucedidas, que contribuem para outros aprendizados em ambientes diferentes. Eles acabam tirando proveito dessas estratégias para aprender uma língua estrangeira.

1.3.2 Motivação

Os alunos da terceira idade normalmente não se preocupam em obter um certificado ou um diploma; sua motivação é intrínseca. Eles estudam por prazer intelectual, para se socializarem ou por se tratar de algo que eles sempre pensaram em fazer. De fato, eles são mais motivados do que os jovens. Seu alto grau de motivação é uma grande vantagem e um dos fatores que mais contribuem para o sucesso no aprendizado de uma língua estrangeira. Esta motivação intrínseca faz com que os alunos participem ativamente das aulas, façam sempre a lição de casa e raramente faltem.

1.3.3 Socialização

As pessoas idosas são frequentemente isoladas na sociedade e sofrem de solidão. Descobrimos que há um forte componente social em idosos que frequentam aulas de

inglês. Eles frequentam as aulas para se misturarem com os colegas, formando amizades muito fortes e se socializando depois da aula e no tempo livre.

1.3.4 Atitude

Os alunos da terceira idade têm uma atitude muito positiva em relação ao aprendizado de uma língua estrangeira e em relação à vida em geral. Eles tratam os professores e colegas com o máximo de respeito e educação. Os professores que trabalham com essa faixa etária comentam que eles são gentis, atenciosos e muito interessados em aprender, e que também é muito prazeroso dar aulas para adultos mais velhos.

1.4 O fator idade na aprendizagem de línguas

Em meados da década de 50, iniciou-se um estudo acerca do fator biológico (neurológico) que poderia limitar a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) após uma determinada idade. Lennenberg (1967) considerado o criador da Hipótese do Período Crítico (HPC), afirmou que a aquisição bem sucedida de uma LE deve acontecer antes da puberdade, ou seja, entre 10 e 12 anos de idade. Após esse período, a aquisição da LE dificilmente atinge o grau de domínio da língua de um falante nativo. Porém, segundo Lennenberg (1967, p. 176), uma pessoa pode “aprender a se comunicar em uma LE aos quarenta anos.”

Estudos recentes têm questionado a Hipótese do Período Crítico. Andrew (2004:19) considera o “período crítico” demasiadamente determinista. “Ela o define como “período sensível”, no qual algumas circunstâncias são mais favoráveis para o desenvolvimento de um determinado tipo de comportamento, e cuja eficiência se reduz com o passar dos anos”.

Portanto, é possível para um aprendiz, obter uma fluência na LE bem próxima à fluência de um nativo, mesmo quando sua aprendizagem se inicia na fase adulta.

Tendo como cerne os teóricos citados, podemos afirmar que quando precisamos aprender uma língua estrangeira, utilizamos vários recursos cognitivos para que isso aconteça. A cognição é definida como o processo pelo qual obtemos, organizamos e utilizamos nosso conhecimento intelectual para uma compreensão do mundo e de nós mesmos. Nesse processo, o armazenamento de experiências é crucial para o reconhecimento da situação e a possibilidade de respostas imediatas e qualitativas. Tudo isso requer um sistema nervoso preservado e/ou recursos cognitivos disponíveis. De acordo com testes controlados da psicologia cognitiva, por exemplo, a capacidade de

retenção de palavras no tempo, é evidente a diferença dos resultados obtidos entre idosos e adultos jovens. Porém, esses mesmos testes apontam sexagenários que têm o mesmo resultado do grupo de adultos jovens. Admite-se que o grau de escolaridade seja um dos fatores determinantes dessa diferença. Desde que a atividade cognitiva seja preservada, tudo caminha para a serenidade.

Portanto, segundo Ralby (2014) podemos afirmar que a idade é apenas um número. Adultos e crianças aprendem de maneiras diferentes e a questão da idade não deve impedir que aprendamos um novo idioma. A linguagem é orgânica e sistemática ao mesmo tempo. Enquanto crianças aprendemos línguas orgânica e instintivamente e enquanto adultos, podemos aprender línguas de maneira sistemática. Ralby (2014) sugere que nos inspiremos nos filólogos e nos fundadores da linguística, que aprenderam dezenas de línguas “em níveis enciclopédicos” quando adultos.

1.5 Características do adulto da terceira idade na sala de aula de língua estrangeira (LE)

C. Brown (1985) empreendeu um interessante estudo sobre os tipos de pedidos de insumo feitos por adultos em seus diários. Foram pesquisados dois grupos de adultos das seguintes faixas etárias: 18 jovens adultos (18-25 anos) e 18 adultos mais velhos (acima de 55 anos). Ambos os grupos haviam se matriculado em um curso de imersão de espanhol como LE, oferecido pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Igreja Mórmon) para missionários voluntários no estado de Utah, Estados Unidos.

A partir do diário desses sujeitos, C. Brown (op. cit.) organizou uma lista contendo 76 fatores direta ou indiretamente ligados ao processo de aprendizagem de espanhol com LE. Surpreendentemente, o insumo foi citado pelos jovens adultos quatro vezes mais do que pelos adultos mais velhos. Além disso, enquanto os mais jovens se mostraram mais preocupados com utilização de estratégias de aprendizagem que pudessem ajudá-los a lidar com quantidade de insumo recebido, os mais velhos se preocuparam mais em como descobrir maneiras de alterar o modo como o insumo era trabalhado em sala de aula, de forma a viabilizar sua aprendizagem. Estes alunos chegaram até mesmo a propor mudanças no currículo e na metodologia de ensino de línguas do professor. De acordo com C. Brown (op. cit., 277), “os tipos de mudanças requisitadas variam desde simples desejos de obter mais exemplos sobre o conteúdo de certa página do livro didático, até pedidos para que os professores apresentem todo o conteúdo do curso em uma ordem diferente.”

Esse tipo de atitude dos aprendizes mais velhos revela, até certo ponto, uma disposição pouco favorável à passividade em sala de aula. Há aí um desejo dos alunos de adaptar o ensino às suas dificuldades, às suas reais necessidades, à sua cultura de aprender. Concluímos que o adulto da terceira idade traz consigo uma maturidade, uma autoconsciência e uma segurança muito sólida.

Outra característica dos alunos mais velhos destacada por C. Brown (op. cit.) e que merece ser ressaltada, é a suscetibilidade dos mesmos à interferência de fatores externos no processo de aprendizagem de LE, dentre os quais ela destaca os problemas de saúde e de família. Na verdade, esse dado ilustra uma, dentre várias outras características socioculturais dos adultos de terceira idade.

Entendemos, após conhecer as características e necessidades da terceira idade ao aprender uma língua estrangeira, que deve haver um planejamento estratégico de envelhecimento ativo e propiciador do cuidado de si, com reconhecimento nos princípios de independência, participação, dignidade e autorrealização.

Neste sentido, consideramos necessário esclarecer o papel do professor de língua estrangeira ao planejar e ministrar aulas de inglês para a terceira idade, cujo tópico é objeto do nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

DESAFIO OU CONSCIÊNCIA? O QUE TODO PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DEVERIA SABER.

Sabemos da importância da formação de um professor de língua estrangeira. Temos consciência que, em um mundo globalizado, a língua inglesa torna-se a língua universal. Entre competências, saberes e desafios do docente, entendemos que é necessária uma preparação prévia para os professores já habilitados, a fim de que possam lidar satisfatoriamente com as questões múltiplas da aprendizagem do idioma inglês na terceira idade.

2.1 Competências e saberes

Concebemos o conceito de competências como a capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiado em conhecimentos. A competência envolve a faculdade de mobilizar recursos cognitivos (saberes, habilidades e informações) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações.

Os saberes são o conjunto de conhecimentos que apresentam certa unidade em virtude de suas fontes e objetivos. Neste caso, o professor se apropria dos saberes de forma única e subjetiva, sendo os mesmos construídos e desconstruídos na prática.

Deste modo, entendemos que a competência do professor se refere à capacidade de mobilizar determinados saberes, atitudes e esquemas de pensamento, como recursos para agir numa determinada situação, adaptando-se da melhor maneira a ela.

Portanto, a competência envolve a ação de resolver problemas e, portanto, fazer escolhas, apoiando-se em conhecimentos já construídos, ao mesmo tempo em que se buscam e se constroem novos conhecimentos.

Dentro dessa perspectiva, acreditamos que o conceito de competência é compatível com a visão de ensino aprendizagem defendida por Vygotsky (2001, 1998) quando o autor concebe o referido conceito como “co-construção de conhecimento” e é na ação conjunta que a linguagem se torna significativa.

Desta forma, é preciso que os professores de LE interessados em trabalhar com adultos de terceira idade procurem, antes de mais nada, com competência e saberes, desconstruir o mito do envelhecimento nutrido pela sociedade. Envelhecer não pode

significar apenas um declínio físico-emocional. Descobrir novas formas de se desenvolver a capacidade intelectual na idade mais avançada pode ser uma alternativa promissora e construtiva para profissionais ligados à educação neste milênio. O profissional da linguagem do novo milênio deve ser um profissional autônomo, capaz de tomar as suas próprias decisões na/em e fora da sala de aula.

2.2 Desafio ou consciência?

O papel do professor de língua estrangeira vai muito além de orientar a aprendizagem dos alunos de terceira idade. Trata-se de uma tarefa que envolve muita dedicação e envolvimento pessoal. O professor contribui para a valorização social dos mesmos, assegurando-lhes sua participação na comunidade e defendendo o seu bem-estar.

Neste cenário, o professor deve respeitar e estimular o aluno a aprender de acordo com as suas capacidades, limitações e o significado que der à própria vida.

É necessária uma preparação prévia para os professores habilitados em lidar com as questões múltiplas que envolvem o aprendizado de uma LE na terceira idade. Segundo Paulo Freire (1994), o educador precisa buscar a si mesmo (educador) e aos outros (educandos).

A priori, o professor de LE deve fazer com que sua aula seja um local de encontro, de troca de experiências, para que o conhecimento seja compartilhado. Os novos conhecimentos precisam ter um valor prático e relevante na vida dos alunos da terceira idade, pois estes contam com a motivação, a vontade de aprender, que são os fatores principais para a aprendizagem. Então, o professor passa a ser um coautor da realização dos sonhos desses alunos.

Quanto mais envolvido o aluno estiver com as atividades propostas, maior será seu aprendizado e a capacidade de retenção das informações adquiridas.

É sabido que alunos da terceira idade têm dificuldades com os elementos prosódicos e fonológicos da língua que estão aprendendo, porém isso não pode ser uma questão impeditiva para o sucesso na aprendizagem de uma LE.

Os objetivos do professor devem ser concomitantes aos objetivos dos alunos em aprender uma língua estrangeira (ocupar o tempo livre, fazer amizades, contar histórias, dividir experiências de vida com os colegas) mesmo porquê, nessa faixa etária, os alunos

não se sentem na obrigatoriedade de apenas aprender. Por isso, os momentos de utilização da língua materna durante a aula, em níveis iniciantes, devem ser respeitados. O professor deve se atentar para esses anseios, no sentido de favorecer o processo ensino-aprendizagem. Entendemos, então, que a motivação do aprendizado de uma LE vem da necessidade de adquirir significados através de uma experiência prazerosa e significativa para o aluno.

Silva (2004) descobriu que o aluno da terceira idade, sujeito social e histórico construído com base mais ampla, possui conhecimento de mundo mais considerável e diversificado, os quais emergem durante o ato da comunicação. E, por isso, o professor precisa desenvolver práticas para a conversação, propondo assuntos novos, que instiguem a motivação dos alunos a comunicarem-se na língua que aprendem.

Portanto, ao lecionar uma LE, tudo o que os alunos aprendem devem fazer sentido para eles. Ao invés de se basear em exercícios simulando pessoas e situações imaginárias, devemos apresentar a língua alvo através de contextos reais e textos autênticos. A fonte mais rica do sentido e do propósito de aprender uma LE está nos próprios alunos e no que cada um traz para a sala de aula: seus pensamentos, ideias, opiniões, experiências e sentimentos. O professor deve explorar esses recursos, essas fontes, e fazer conexões importantes entre a língua alvo e a vida dos alunos, organizando a aprendizagem através de assuntos que eles podem relatar, através de assuntos que são parte da experiência de vida deles.

Os alunos devem se envolver com o conteúdo da aula tanto emocional quanto intelectualmente. Portanto, é fundamental que o professor selecione os assuntos, textos e exercícios com o objetivo de envolvê-los para uma aprendizagem real. A ênfase da aprendizagem deve ser mais voltada para a prática (o que os alunos podem fazer com a língua) do que para a teoria (o que eles devem saber sobre a língua). Da premissa “a prática leva à perfeição”, os alunos devem fazer uso da linguagem funcional. Os exercícios devem ter conexão com o mundo real. Os alunos devem usar a gramática e o vocabulário para uma prática significativa de exercícios de conversação.

Sob essa ótica, há uma vantagem ao se lecionar para os alunos de terceira idade, pois os mesmos costumam ter consciência do seu aprendizado (language awareness). Scott (1986, p. 2), define conscientização como:

“certificar-se de que os alunos compreendam, com o coração e com a mente, por que estão aprendendo e praticando as habilidades que

lhes são ensinadas, como cada aluno coloca isso em prática, e até que ponto as estratégias propostas são eficientes [...].”

No entanto, é necessário um pouco mais do que as habituais práticas dos professores em sala de aula de LE. O professor também, por sua vez, assume outro papel, o de orientador em vez de detentor de respostas. Ele precisa aceitar que os alunos podem descobrir facetas do uso da língua que ele desconhece. É imprescindível, por exemplo, que o professor saiba administrar as suas próprias emoções, ansiedades e atitudes durante a construção do processo ensino aprendizagem de uma língua estrangeira, propiciando assim um ambiente mais prazeroso e acolhedor para os aprendizes da terceira idade.

2.3 Os princípios de aprendizagem do adulto

Malcolm Knowles (2017), um pioneiro no estudo de aprendizagem de adultos, identificou quatro critérios que impactam o processo de aprendizagem dos mesmos.

2.3.1 O autoconceito do aluno

O adulto tende a se ressentir quando colocado em situações que violam seu sentimento de maturidade, tais como ser julgado ou ser tratado como criança. Quando o adulto aprende um novo idioma, surge o preconceito de que a sua maturidade é colocada à prova, pois parece que regrediu, por necessidade, aos padrões da linguagem infantil. Desta forma, é essencial que o professor de LE, trate esse indivíduo como adulto. Quando o adulto percebe que é capaz de aprender em um ambiente onde existe o respeito a sua individualidade, há uma motivação significativa em aprender um novo idioma, e também em continuar o processo de aprendizagem por iniciativa própria.

2.3.2 A experiência do aluno

Durante a vida, os adultos acumulam uma vasta quantidade de diferentes tipos de experiência. É seguro dizer “Nós somos o que vivemos.” Nossa experiência é o que fizemos, por exemplo, a soma total das nossas impressões de vida e a nossa interação com as outras pessoas e com o mundo.” Na abordagem andragógica de educação, a experiência de adultos é considerada uma rica fonte para o aprendizado. A andragogia envolve “experiências”, tais como discussão em grupo, sessões práticas de habilidades, simulações, encenação e formação de grupos. Desta maneira, a experiência de todos os participantes pode ser usada como fonte de aprendizagem.

2.3.3 Prontidão para aprender

É sabido que os adultos são capazes de diagnosticar suas necessidades para o aprendizado, bem como elaborar atividades que tem a ver com o que querem aprender. O facilitador da aprendizagem andragógica age como uma fonte para orientar os alunos a formar grupos de interesse e diagnosticar suas necessidades de aprendizagem. Ao formar estes grupos, o professor pode sugerir tipos de competências necessárias para encenar vários papéis, como também algumas áreas de interesse nas quais os alunos se identifiquem e comecem o processo de aprendizagem. Um exemplo disso é o uso de “peer group” numa atividade de “listening/speaking”: os alunos assistem a um vídeo deles mesmos fazendo um speech que apresentaram para a sala. Ao assistir esse vídeo, eles tentam, com a ajuda do instrutor, identificar os principais erros gramaticais.

2.3.4 Perspectiva de tempo e orientação para o aprendizado

Na andragogia há um movimento forte para diminuir a distância entre a “aprendizagem para o futuro” e o “fazer no presente momento”. Os adultos tendem a se interessar em aprender com aplicação imediata. Conseqüentemente, a aprendizagem na educação andragógica é centrada no problema e não centrada no sujeito.

Portanto, como professores, devemos assegurar que nossas aulas tenham o tipo de ambiente que levem os alunos a pensar, a alimentar o cérebro. Jensen (1997) nos aconselha que, como educadores,

(...) nós podemos influenciar o “estímulo” da aprendizagem de nossos alunos. Por isso, devemos seguir a principal regra para compreender como o cérebro reage a certas influências: comece a eliminar certas ameaças do ambiente de aprendizagem. Não importa o quão animado você esteja para incluir algo favorável ao mesmo; antes de mais nada, elimine qualquer aspecto negativo, como constrangimento, acusações (apontar o dedo), dar prazos curtos demais para cumprir uma tarefa, (...), humilhação, sarcasmos, falta de recursos ou simplesmente cometer bullying. Não há evidências que ameaças (autoritarismo), são uma forma efetiva de, a longo prazo, proporcionar aprendizagem. (JENSEN, 1997)

Neste sentido, entendemos que o professor deve estar consciente a cerca das características e necessidades dos alunos de terceira idade ao aprender inglês. No entanto, é indispensável a atualização desse profissional no que tange às metodologias e práticas em sala de aula, bem como ao uso da tecnologia, de modo a favorecer esse aprendizado. Este tópico é objeto de nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

LECIONAR PARA ADULTOS MAIS VELHOS: UMA EXPERIÊNCIA PRAZEROSA

Autocontrole, experiências de vida e motivação são itens que agregam muito à qualquer sala de aula. Os adultos mais velhos terão sucesso no aprendizado, principalmente se o professor conhecer a cerca de seus interesses e suas características, além de proporcionar um ambiente onde todos atinjam seus objetivos

Seu autodirecionamento, experiências de vida e motivação são um ótimo complemento para qualquer sala de aula. Eles serão bem-sucedidos, especialmente se o professor os conhecer e proporcionar um ambiente em que todos os alunos atinjam seus objetivos.

3.1 Facilitando e estimulando a aprendizagem na terceira idade

É importante levarmos em consideração que os alunos de terceira idade, ao aprenderem uma língua estrangeira, têm alguns fatores a seu favor: a experiência de vida, a motivação para aprender e suas atitudes positivas. No entanto, há alguns fatores de ordem cognitiva, afetiva e psicológica, que podem afetar o aprendizado de uma língua estrangeira. Vamos identificar esses fatores e, como docentes preparados para lidar com a terceira idade, fazer com que as aulas e suas práticas metodológicas possam ir de encontro às necessidades dos alunos da terceira idade.

3.1.1 Tire proveito da experiência de vida deles

Assim como com outros alunos, devemos explorar suas experiências e acrescentar mais detalhes, toda vez que possível for. A aprendizagem de uma língua estrangeira deve proporcionar aos alunos mais velhos um ambiente seguro, no qual eles possam compartilhar suas experiências, assim como aprender com a experiência dos outros alunos na sala.

O professor deve ser flexível e utilizar diferentes abordagens durante os exercícios em sala de aula. Isto gera motivação. Os alunos mais velhos decidem aprender uma nova língua por motivação própria. Então, é importante conhecê-los, bem como conhecer as

suas histórias, para que as aulas sejam planejadas com o intuito de manter a atenção e a motivação dos alunos.

3.1.2 Aprenda a lidar com o jeito de ser dos alunos da terceira idade

Alunos mais velhos contribuem muito durante a aula, mas o professor precisa ser flexível e paciente com seus padrões e estilos de aprendizado. Eles geralmente preferem aprender através da gramática formal e precisam fazer muitos exercícios escritos, antes de passar para os exercícios de comunicação mais fluentes. Pode levar algum tempo para os idosos se adaptarem à prática oral espontânea; eles solicitam explicações mais explícitas e apresentações gramaticais detalhadas. Isto demandará um esforço extra do professor para que possa perceber e definir o que funciona melhor para eles. O professor deve permitir que os alunos façam muitas anotações e as utilizem durante os exercícios práticos. Também deve deixá-los fazer perguntas, mas não deve permitir que eles dominem a aula inteira. O professor deve proporcionar uma aula descontraída e, certamente os alunos vão apreciar. Novamente será preciso um esforço consciente para criar um ambiente de aprendizado descontraído e informal para ajudá-los a encontrar seu ritmo.

3.1.3 Ajude os alunos a ouvirem

Os alunos mais velhos geralmente apresentam perda auditiva, e isso pode ter um impacto direto na aprendizagem e no desempenho. Para diminuir os efeitos negativos dessa perda auditiva, os professores podem ajudar os alunos a ouvir de várias maneiras:

- Falando claramente e garantindo que os alunos possam ver seu rosto e seus lábios.
- Ajustando o volume de áudios e vídeos.
- Repetindo os textos de escuta mais frequentemente do que com os alunos mais jovens.
- Usando trechos de vídeos que ajudam na compreensão auditiva, pois os alunos podem ver o rosto e os lábios dos personagens.
- Garantindo uma boa acústica em sala de aula, com pouco ruído de fundo.

3.1.4 Ajude os alunos a enxergarem melhor

Os alunos mais velhos geralmente têm a visão prejudicada. Para ajudá-los a enxergar melhor, aqui estão alguns passos a seguir:

- Use um tipo de impressão maior para o texto impresso.
- Certifique-se de que os alunos se sentem o mais próximo possível da lousa.
- Escreva com muita clareza na lousa.
- Certifique-se de que as salas de aula tenham muita luz natural e que haja iluminação direta para a lousa.

3.1.5 Ajude os alunos a exercitarem a memória

Pesquisas indicam que o desenvolvimento cognitivo, a lembrança e a resolução de problemas demonstram sinais de declínio conforme a idade avança. Com o intuito de superar este declínio cognitivo, que pode gerar dificuldades no aprendizado de um novo idioma, os professores podem contribuir para que os alunos da terceira idade preservem sua habilidade cognitiva de várias formas:

- Contemple exercícios de memória durante as aulas. Use técnicas de memorização, através de exercícios de associação, possibilitando a recordação de coisas mais difíceis de reter.
- Utilize repetição sistemática e sempre recicle gramática, vocabulário e expressões.
- Estimule os alunos a tirarem proveito de suas experiências e a utilizar, no momento de aprendizado atual, as estratégias cognitivas que deram certo no passado.
- Dê mais tempo para os alunos produzirem uma prática de conversação sem que sejam interrompidos.

3.1.6 Promova a autoconfiança e reduza o estresse

A maioria dos alunos mais velhos têm receio do fracasso e são mais ansiosos do que os alunos mais jovens, talvez porque aceitem o estereótipo de que alunos mais velhos tem dificuldades em aprender idiomas ou devido a tentativas anteriores malsucedidas em aprender inglês. Os alunos mais velhos precisam se sentir confortáveis e confiar no professor e nos outros alunos antes de participarem

plenamente da aula. Um dos papéis fundamentais do professor é reduzir a ansiedade e gerar autoconfiança no aluno da terceira idade.

Aqui estão algumas das coisas que os professores podem fazer para reduzir o estresse e aumentar a autoconfiança em adultos mais velhos:

- Descubra quais são as motivações dos alunos mais velhos para aprender um idioma e adaptar sua metodologia.
- Use técnicas humanísticas para criar empatia entre o professor e os alunos, e entre os alunos.
- Reduza o foco na correção de erros para aumentar a autoconfiança dos alunos e incentivar a conversação.
- Evite testes cronometrados que possam causar ansiedade.
- Dê aos alunos da terceira idade mais tempo para concluir as atividades.
- Promova uma atmosfera amigável e descontraída na sala de aula.

3.1.7 Enfatize os aspectos positivos

Os adultos mais velhos, ao cometer erros, tornam-se ressentidos quando corrigidos de forma incisiva. Eles se cobram muito e são perfeccionistas com relação aos mínimos erros gramaticais. Os alunos da terceira idade geralmente não ficam muito tempo em aulas muito modernas; quando eles estavam na escola, tudo era muito diferente e pode ser que a aula de inglês seja a primeira experiência em sala de aula depois de muitos anos fora dela. Eles estão acostumados a aprender por decoreba, pouca prática oral e muita escrita, para comprovar suas habilidades. Eles não mais estão acostumados a serem corrigidos na frente de um grupo de pessoas. Mesmo que o professor seja discreto na correção, deve respeitar o tempo necessário para que eles se acostumem.

Uma boa maneira de evitar constrangimentos no momento da correção, é criar oportunidades para que os alunos da terceira idade aprendam juntos, com enfoque mais no entendimento do que na produção da linguagem. Podemos também reduzir o foco na correção, com o objetivo de construir auto-confiança nos alunos, para depois praticar a conversação. Devemos sempre enfatizar os aspectos positivos durante a prática de conversação e focar na boa evolução dos alunos. Devemos, também, criar oportunidades para que os alunos tenham êxito e demonstrem seu sucesso.

3.1.8 Reconheça os desafios dessa faixa etária

Devemos estar cientes dos desafios que os alunos da terceira idade enfrentam. Os mais comuns são relativos a saúde ou problemas pessoais. Se este for o caso, devemos fazer o melhor para acomodá-los em sala de aula, como por exemplo sugerir que se sentem próximos à lousa, fazer apostilas com letras maiores e acrescentar explicações orais às mesmas. Se os problemas de saúde ou assuntos pessoais os impedem de vir sempre às aulas, devemos ser compreensíveis e flexíveis.

Um outro desafio que os alunos de terceira idade enfrentam é o de se sentirem isolados e fora da sociedade. Então, a sala de aula torna-se a conexão com outras pessoas e com coisas novas e interessantes. Não há muito o que fazer em termos de metodologia, porém devemos ser compreensivos, oferecer apoio e proporcionar um ambiente acolhedor e de socialização.

3.1.9 Mobilidade

Conforme envelhecemos, perdemos um pouco de resistência, flexibilidade e mobilidade. Também podemos sofrer de artrose e reumatismo. Estas alterações podem trazer dificuldades para os alunos da terceira idade se movimentarem pela sala. Para compensar essas mudanças, recomendamos o seguinte:

- Certifique-se que os alunos estão confortáveis em suas carteiras.
- Durante as atividades de prática de conversação, nas quais os alunos têm que se levantar para falar com os colegas, dê a eles mais tempo para que se movimentem pela classe.

3.1.10 Não subestime a importância da tradução

Diferentes abordagens podem ser necessárias em diferentes fases do processo de aprendizagem. Os alunos da terceira idade frequentemente solicitam explicações, independentemente do nível da fluência oral. A tradução é um exercício muito importante para ajudar os alunos a superarem certo patamar. Os

exercícios de tradução não permitem paráfrases e forçam os alunos a passarem para o próximo nível.

3.2 A tecnologia e a aprendizagem de uma língua estrangeira (LE)

O meio virtual é um grande aliado para a aprendizagem de uma LE e o professor deve ter a competência e a sabedoria para utilizá-lo e fazer com que suas aulas tenham um significado funcional para seus alunos, facilitando, assim, a aprendizagem. O professor deve estar preparado a aprender, pensar práticas docentes e planejar transformações com tecnologia, isto é, usar ferramentas cognitivas. Desta forma, ele pode utilizar as mídias a seu favor, não somente para analisar o mundo ou acessar informações, mas principalmente para interpretar e organizar o seu conhecimento pessoal e representar o que sabe para seus alunos.

Portanto, devemos concordar com Telles (2006) quando afirma que

(...) não é mais possível aceitarmos o fato de que os alunos e professores brasileiros de LEs estejam sujeitos às pedagogias arcaicas de ensino de LEs, calcadas meramente na gramática, na tradução e na leitura. Também, não é mais possível sustentar a formação de nossos professores de línguas estrangeiras à pedagogia da lousa, do papel, do lápis e de uma formação profissional fundamentada no estruturalismo e nas práticas de ensino de idiomas estrangeiros realizadas em jurássicos laboratórios behavioristas de línguas dos anos cinquenta, ainda presentes em uma infinidade de cursos de Letras. (...) Estamos na era digital. (...) o giz, a lousa e a sala de aula enfrentam um universo de informações passadas à velocidade dos bites e dos microchips. É necessário que o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras abandonem as profecias da modernidade para realizar o “aqui e o agora” da contemporaneidade. (TELLES, 2006)

3.2.1 A tecnologia alcança patamares inimagináveis

A tecnologia se tornou uma parte tão presente em nossas vidas que muitas crianças agora sabem como navegar em um tablet, antes de seu primeiro aniversário. Mas há uma grande parte da população que ficou de fora quando se trata de uso da tecnologia – os idosos.

E enquanto alguns jovens podem não ter paciência para ensinar seus avós sobre a internet, ou mostrar-lhes como usar um smartphone, um grupo de estudantes universitários da área de Toronto transformou-o em um negócio.

Chamados de “The Gadget Guides”, os co-fundadores Moe Elmaleh, Corey Freeman e Ami Moyal estão ocupados viajando para residências de aposentados para oferecer aulas práticas, ensinando idosos a usar smartphones, tablets e computadores.

A ideia foi inspirada nos avós da Moyal, uma das fundadoras do The Gadget Guides, que utilizaram o FaceTime para manter contato, enquanto viviam em diferentes países.

"Eles estavam se apegando à tecnologia porque precisavam dela - era tudo o que tinham". Naquele momento, pensei, por que nem todos os idosos fazem isso? [...] Na maioria das vezes, eles só querem saber por que todos estão em seus telefones o tempo todo - por que todos estão tão envolvidos com a tecnologia. Acredito que os dias de afastamento da tecnologia se foram - os idosos querem aprender com ela, querem se envolver com ela". (Moyal, 2015)

E embora alguns idosos possam enfrentar limitações físicas ou de saúde que mudam a maneira como eles interagem com a tecnologia, qualquer um é capaz de ser um especialista em tecnologia. Não é uma questão de limitação, mas de mentalidade.

Portanto, quando mudamos nossa mentalidade e abrimos nossa mente, somos capazes de qualquer coisa, independentemente da idade e suas limitações preconcebidas, neste caso, desde um bate-papo por vídeo até aplicativos como o Google Earth.

Mas, de acordo com um estudo de 2014 da Pew Research, sediada nos EUA, os idosos ainda estão atrás do resto da população adulta, quando se trata de adoção de tecnologia. Apenas 18 por cento dos idosos entrevistados disseram que se sentiriam à vontade para aprender a usar um smartphone ou tablet por conta própria e 77 por cento dos idosos disseram que gostariam de alguém para ajudá-los a ensinar sobre o dispositivo.

Conforme já mencionado anteriormente, vimos que a motivação é um dos principais fatores para o aprendizado de uma língua estrangeira. No que se refere à tecnologia, as pesquisas indicam o mesmo. Cabe a nós, professores, fazer uso dela da forma mais coerente possível, também com os alunos da terceira idade.

3.2.2 Os aplicativos são eficientes para a terceira idade?

Tomemos como exemplo e referência o aplicativo Duolingo.

Há mais maneiras do que nunca de aprender uma língua, mas como encontrar uma que se adapte ao seu estilo de aprendizado e rotina?

Desde o seu lançamento em 2012, o aplicativo Duolingo ganhou 50 milhões de usuários. Seu sucesso o levou a se tornar um dos sinônimos da revolução tecnológica no aprendizado de idiomas, e por um bom motivo. Em entrevista para o The Guardian, um de seus criadores, Luis von Ahn (2014), disse: "Há um estudo independente que mostra que se você usar Duolingo por 34 horas, você aprende o mesmo que faria em um semestre letivo de aprendizagem de línguas."

Então, isso significa que os dias de se debruçar sobre tabelas verbais e memorizar listas de vocabulário chegaram ao fim? Não necessariamente. Além do fato de que adquirir um novo aplicativo não implicar o domínio de outro idioma, pode também não ser algo que funcione para todos.

As soluções tecnológicas para aprender uma língua com o Duolingo têm algumas vantagens: elas permitem que você se adapte ao seu estilo de vida e, em muitos casos, são mais baratas do que as aulas formais. Porém não são suficientes. Como Alan Haburchak (jornalista digital e professor adjunto de mídia digital na Columbia Journalism School, em New York) compartilhou durante nosso desafio de aprendizado on-line, um mês tentando aprender espanhol usando apenas seu smartphone, o deixou desesperado para usar algumas tabelas verbais.

A abordagem naturalista de Duolingo é uma reminiscência de como aprendemos nossa língua materna quando crianças; somos incentivados a aprender a gramática por contexto e associação, ao invés de memorizar regras. Essa técnica, no entanto, enriqueceu nosso vocabulário, mas é incapaz de permitir progressos reais sem uma compreensão real dos padrões e estruturas da língua.

Portanto, como professores de LE para a terceira idade, precisamos reconhecer as diferentes necessidades que nossos alunos apresentam na sala de aula e os efeitos que a metodologia escolhida e o planejamento exercem sobre o processo de aprendizagem de nossos alunos. Devemos nos esforçar em diminuir a ansiedade e eliminar o medo que nossos alunos tem ao aprender um novo idioma, além de preparar aulas práticas e interessantes que os mantenham felizes e motivados a continuar estudando uma nova língua. Isso justifica o incentivo ao uso de aplicativos que fortaleçam e estimulem o aprendizado de um novo idioma.

3.3 As metodologias

O objetivo de nossa pesquisa não é estudar acerca das metodologias e sim, demonstrar, de forma organizada, as melhores práticas atuais no ensino de línguas para a terceira idade.

No entanto, é importante mencionar as principais metodologias.

3.3.1 Grammar Translation Method

A capacidade de se comunicar oralmente na língua alvo não é um objetivo de ensino, mas sim a leitura, que é justamente a habilidade a ser desenvolvida além da escrita. A língua estrangeira não é usada em sala senão como material de tradução, que é uma meta importante para o aluno, sendo inclusive, questão principal na avaliação. Deve-se estar ciente das regras gramaticais da língua alvo, memorizar vocabulário, conjugações verbais e outros itens gramaticais. A maior parte da interação na sala de aula é do professor com os alunos. Há pouca iniciativa partida do aluno e raramente ocorre interação aluno – aluno.

3.3.2 The Direct Method

O método direto tem esse nome devido à forma de abordar a língua alvo diretamente sem tradução para a língua nativa. As aulas são totalmente ministradas na língua alvo desde o início, através de situações baseadas na vida real. O conteúdo é introduzido pelo professor através de objetos também reais ou de figuras, fotos, gestos, para que o aluno associe o significado da língua estrangeira diretamente, sem tradução para a língua nativa. A iniciativa da conversação parte tanto do professor quanto dos alunos, que também conversam entre si. A gramática nunca é apresentada explicitamente, mas deve ser intuída pelos alunos.

3.3.3 Audio Lingual Method

Surgiu a partir das idéias geradas pela psicologia behaviorista. Os alunos devem aprendê-la automaticamente sem parar para pensar, formando novos hábitos na língua alvo e superando os antigos hábitos de sua língua nativa. O conteúdo é sempre bastante estrutural, sendo apresentado em diálogos iniciais. Esses diálogos são aprendidos com memorização, imitação e repetição. A partir deles, são conduzidos exercícios para fixação dos conteúdos e vocabulário. As

repostas certas dos alunos são reforçadas positivamente com prêmios ou elogios. Gramática explícita.

3.3.4 Suggestopedia

Há muita ênfase no sentimento dos alunos e na necessidade de ativação de suas potencialidades cerebrais. Para isso o ambiente de estudo deve ser relaxante e confortável, e o aluno precisa confiar no professor para que ele possa ativar sua imaginação e ajudá-lo na aprendizagem. Pôsteres com informações gramaticais são dispostos pela sala e trocados periodicamente para incitar a aprendizagem periférica do aluno, ou seja, sua capacidade de aprender através de estímulos externos.

3.3.5 Total Physical Response (TPR)

Um dos enfoques desta abordagem é a aprendizagem prazerosa da língua. Espera-se que o estudante realmente goze do prazer de aprender. Para isso usam-se muitas atividades divertidas e engraçadas e, o movimento corporal é um grande recurso para ajudar na compreensão. Muitas estruturas são aprendidas e praticadas através de comandos. Quando os alunos já repetiram uma série de comandos, eles então passam a demonstrá-los ao resto da turma. Após terem domínio de uma série deles, os alunos aprendem a lê-los e escrevê-los e, somente após certa exposição às novas estruturas, começa-se a falar e ditar outros comandos.

3.3.6 Silent Way

Nesse método a aquisição lingüística é vista como um processo no qual as pessoas, através do raciocínio, descobrem e formulam regras sobre a língua aprendida. Esta aprendizagem visa à expressão do pensamento, percepção e sentimento dos alunos. Para isso eles precisam desenvolver autoconfiança e independência. É o aluno quem constrói seu aprendizado, sendo que o professor pode incitar sua percepção, provocar seu raciocínio. O “silêncio” é uma ferramenta para esse fim. A todo momento os alunos são incitados a pensarem e o silêncio do professor os obriga a se ajudarem mutuamente. Fichas com cores, ou sinais que representem sons ou palavras são constantemente usados. O professor cria situações que focalizam a atenção dos alunos para a estrutura da língua. Com o

mínimo de pistas faladas, os alunos são conduzidos a produzir a estrutura. As quatro habilidades se reforçam mutuamente.

3.3.7 Communicative Language Learning

Não só os sentimentos e intelecto de cada um contam, mas principalmente o modo como relacionam suas reações físicas, instintivas e sua vontade de aprender entre si. O professor precisa estar sempre alerta para a necessidade de apoio que seus alunos têm com relação a seus medos e inseguranças na aprendizagem. Para isso, é fundamental construir um bom relacionamento comunitário na classe; aí o próprio professor deverá ocupar uma posição menos autoritária e ameaçadora, sentando-se na mesma posição dos alunos. Estes necessitam estar sempre bem informados quanto ao que deve acontecer em cada atividade, e suas limitações individuais devem ser levadas em conta na hora da cobrança. Deste modo, sentem-se mais seguros.

É importante que os alunos se sintam, de certa forma, com o controle da interação para tornarem-se mais responsáveis pelo seu próprio aprendizado. A cooperação, e não a competição deve ser incentivada. A aprendizagem lingüística visa à comunicação e expressão de idéias. A língua nativa pode ser usada como apoio pelos alunos, que muitas vezes constroem frases a partir de blocos de palavras traduzidas pelo professor. Os alunos são constantemente convidados a dizer como se sentem e o professor deve ser capaz de compreender suas reações e conduzi-los a uma aprendizagem sempre melhor.

3.3.8 Communicative Language Teaching (CLT)

A meta desta abordagem é tornar os alunos comunicativamente competentes. Assim, a aprendizagem lingüística é vista como um processo de comunicação no qual o simples conhecimento das formas da língua alvo, seu significado e funções, são insuficientes. É preciso ser capaz de usar a língua apropriadamente dentro de um contexto social. Isso envolve o domínio não só de competência gramatical ou lingüística, mas também de habilidades sociolingüísticas, discursivas e estratégicas. Com o intuito de desenvolver essas habilidades, a mais marcante característica desse método é a prática de realizar atividades que envolvam comunicação real. Tal comunicação ocorre quando os sujeitos são livres para trocarem conhecimentos. Exploram-se muitas atividades de

conversação em pequenos grupos, dessa forma, maximiza-se o tempo de uso da língua pelos alunos.

Definitivamente, não há uma metodologia que sirva para todos: as pessoas aprendem de diferentes maneiras, em ritmos diferentes. A maneira mais eficaz pode envolver não apenas uma, mas uma mistura de variadas técnicas.

No próximo e último capítulo, trazemos as considerações finais deste trabalho, concluindo que o sucesso da aprendizagem na terceira idade depende, e muito, da relação professor e aluno, desde que o professor esteja preparado, atualizado e consciente das características e interesses dessa faixa etária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de pesquisa bibliográfica e documental procurou-se analisar os desafios do professor de língua estrangeira (inglês) ao ensinar alunos de terceira idade. De forma mais específica: conhecer as características e necessidades da terceira idade ao aprender uma língua estrangeira; esclarecer o papel do docente ao planejar e ministrar aulas de inglês para a terceira idade e sugerir metodologias que facilitem e estimulem a aprendizagem na terceira idade.

Como professores, todos devemos saber, independentemente da idade, raça ou classe social de nossos alunos, que algumas estratégias de ensino, tais como ajudar os alunos a conectar novas informações com as informações que eles já tinham, ou dar feedback frequente enquanto executam as tarefas, pode fazer uma grande diferença em seu aprendizado. Porém, apenas dizer “muito bem”, não é suficiente. O feedback deve ser prescritivo, deve ser dado continuamente e deve ser sincero. Na verdade, dizer aos alunos que fizeram um bom trabalho, quando eles sabem que não deram o seu melhor, pode ter um efeito negativo no aprendizado dos mesmos.

Portanto, quaisquer dificuldades que os alunos da terceira idade sintam em sala de aula, podem ser superadas através de ajustes no ambiente de aprendizagem e no material; através de especial atenção a fatores físicos, afetivos e cognitivos, e finalmente, através do uso de metodologias e técnicas adequadas ao processo de aprendizagem, porém voltadas mais para a prática, do que para fins acadêmicos.

Quando o docente conhecer as características dos alunos de terceira idade e estiver fundamentado teoricamente, haverá uma integração final entre os significados implícitos ao aprender uma LE e o propósito de vida dos mesmos. Este é o objeto da nossa pesquisa.

Este estudo justifica-se devido ao aumento da população idosa na realidade brasileira, com o intuito de melhorar sua qualidade de vida, ocupando seu tempo ocioso. Da mesma forma, esta pesquisa merece constante atualização, pois diariamente, ou melhor, a cada minuto, surgem novas metodologias e técnicas voltadas para uma maior eficácia no aprendizado de uma língua estrangeira.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Maria Celia de. (org.) **Viver Plenamente**. Brasília: Liber Livro, 2005. (Série Encantos da Maturidade, v.2)

ANDREW, P. The critical period hypothesis for language acquisition: a look at controversy. **Estudios de Linguística Aplicada**, n° 40, 2004: 13-29

BIRDSONG, D. **Second Language Acquisition and Critical Period Hypothesis**. Mahwah, NJ: Laurence Erlbaum Associates, 1999.

BOGART, Nicole. Meet the millennial entrepreneurs teaching seniors how to use tech. Canada, out. 2015. Disponível em: <https://globalnews.ca/news/2301922/meet-the-millennial-entrepreneurs-teaching-seniors-how-to-use-tech/>. Acesso em 15/08/2018.

BROWN, C. Requests for Specific Language Input: Differences Between Older and Younger Language Learners. In: GASS & MADDEN (eds.) **Input in Second Language Acquisition**. Cambridge: Newbury House, 1985. p. 272-281.

COSTA, B. C. de A. Metodologias de Ensino da Língua Inglesa. New Jersey, julho 2011. Disponível em <http://portaldalinguainglesa.blogspot.com/2011/07/metodologias-de-ensino-de-lingua.html>. Acesso em 24/09/2018.

DONAGHY, Kieran. **How to maximize the language learning of senior learners**. United Kingdom, março, 2016. Disponível em: <https://www.teachingenglish.org.uk/article/how-maximise-language-learning-senior-learners>. Acesso em 12/07/2018.

<https://divagacoesligeiras.blogs.sapo.pt/os-danos-ao-cerebro-sao-irreversiveis>. Acesso em 21/08/2018.

GARCIA, Maria [et al.] Comentários ao estatuto do idoso. In: GARCIA, Maria. **Capítulo V: DA EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTE E LAZER**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2016

JOYCE B. What every teacher should know about reaching older learners. Disponível em <https://busyteacher.org/10791-how-to-teach-older-learners.html>. Acesso em 03/09/2018.

KNOWLES, M. The basics of adult learning. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/what-is-adult-learning-31425>. Março, 2017. Acesso em 26/09/2018.

LENNEBERG, E. **Biological Foundations of Language**. New York: Wiley and Sons, 1967

MANZARO, Simone de Cássia Freitas. Envelhecimento: idoso, velhice ou terceira idade? **Portal do envelhecimento**, São Paulo, nov. 2014. Disponível em <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/envelhecimento-idoso-velhice-ou-terceira-idade/>. Acesso em 17 mai. 2018.

OLIVEIRA, H. F.de. À flor da (terceira idade): crenças e experiências de aprendizes idosos de língua estrangeira. Dissertação de pós-graduação de linguística aplicada. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

O'CONNOR, L. **Duolingo creator: 'I wanted to create a way to learn languages for free'**. United Kingdom, ago. 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/education/2014/aug/27/luis-von-ahn-ceo-duolingo-interview>. Acesso em 24/09/2018.

PERRENOUD, P. **Construir as Competências desde a Escola**. Porto Alegre: ARTMED, 1999

_____, P. **Formando o profissional competente**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

PIZZOLATTO, C. E. **Características da Construção do Processo de Ensino e Aprendizagem de Língua Estrangeira (inglês) com Adultos de Terceira Idade**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1995.

RALBY, Aaron. **Learning a language: 10 things you need to know**. United Kingdom. out. 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/education/2014/oct/30/learning-another-language-ten-tips>. Acesso em 05/09/2018.

SCOTT, M. **Conscientização**. V.18. São Paulo: Cepar/PUCSP, 1986.

SILVA, G.B. **O papel desempenhado pela contingência no ensino de língua estrangeira na terceira idade**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2004

SINGLETON, D. The Critical Period Hypothesis: a coat of many colours. In: **International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, vol. 43, n° 4, p. 269-285, 2005.

TILESTON, Donna Walker. **What every teacher should know about diverse learners**. 2nd edition. USA: Corwin Press. 2010. p.24, 26

TELLES, J. A. **Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para todos**. Projeto apresentado ao CNPQ n. 061/2005 (Seleção pública de projetos de pesquisa nas áreas de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. Unesp, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Departamento de Educação, 2006.

VANDER, V., TAGNIN, E. O. (orgs.) **Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras**. In: SARDINHA, T. B. **Como usar a linguística de corpus no ensino de língua estrangeira**. São Paulo: HUB Editorial, 2011, p. 308.

VIGOTSKY, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

YOUNG, H., **What is the best way to learn a language?** United Kingdom, out. 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/education/2014/oct/22/live-chat-how-to-learn-language>. Acesso em 12/09/2018